

## Identidade Homossexual

Antes de dar início a este capítulo, gostaríamos de enfatizar que estamos cientes do terreno escorregadio que cerca a identidade homossexual. Não obstante, parece-nos absurdo abolir qualquer referência ao conceito, sobretudo porque o debate entre aqueles que adotam uma visão construtivista e aqueles que optam por uma análise biológica/essencialista ainda persiste. Sem entrar em detalhes a respeito destas duas posições, podemos mencionar que, de forma geral, as críticas à identidade gay provêm da idéia de que ela reinstauraria a função normatizadora da medicina, colocando a sexualidade dentro de definições e categorias restritas (Trevisan, 2000). Da mesma forma, explicar todas as dimensões da vida das pessoas através da sexualidade seria extremamente empobrecedor (Heilborn, 1996). Autores que adotam este raciocínio postulam que a aquisição de uma identidade homossexual positiva não é a única forma de lutar contra o preconceito e de garantir direitos legais, no entanto, não propõem qualquer alternativa que justifique o abandono do conceito.

De um modo geral, definimos *identidade* como um fator diferenciado que certos indivíduos possuem de determinadas posições culturais, políticas e econômicas correntes em cada sociedade (Chasin, 2000). Segundo as teorias de Psicologia Social, as pessoas são categorizadas de acordo com as formas pelas quais elas diferem dos valores culturais predominantes (Fiske, 1998) e, no caso brasileiro, estes ideais seriam o de um homem branco, heterossexual, jovem e bonito. Na impossibilidade de se identificarem com o grupo tradicional heterossexual, muitos gays acabam lutando por uma identidade própria, cujo componente central parece ser, entre outros, o desejo homossexual (Souza, 1989). Vemos, assim, que a identidade homossexual tem, pelo menos, duas dimensões: a de como o indivíduo se reconhece (e se identifica com seus iguais) e a de como o indivíduo é visto pela sociedade (e se contrapõe aos grupos diferentes do seu).

Desta forma, a concepção de identidade homossexual que adotaremos a seguir se baseia no caminho proposto por Goffman ([1963] 1988), pelo qual

acredita-se que “*as pessoas que têm um estigma*<sup>13</sup> *particular tendem a ter experiências semelhantes de aprendizagem relativa à sua condição e a sofrer mudanças semelhantes na concepção do eu*” (Goffman, [1963] 1988: 41). Em outras palavras, muitos homossexuais vivenciariam uma seqüência semelhante de ajustamentos pessoais<sup>14</sup> que afetam sobremaneira sua perspectiva de mundo, facilitando, assim, a aquisição de uma identidade gay. Vale ressaltar que a identidade gay parece ser adotada sobretudo por homossexuais masculinos brancos de classe média. Este fenômeno se explica pelo fato de que é mais fácil (econômica e socialmente) para estes indivíduos se identificarem e viverem abertamente como homossexuais do que para as lésbicas, os negros e os pobres (Knopp, 1998). Isto significa que a identidade gay não é a única identidade possível ou desejável para todos aqueles que adotam um *comportamento* homossexual.

Tal como foi elaborado em Nunan (2001), a identidade gay pode ser entendida como uma realidade necessária em face de objetivos práticos, sendo fundamental para o movimento homossexual como uma estratégia utilizada na reivindicação de direitos. No entanto, como qualquer outra identidade, ela é sempre pontual, provisória e estabelecida como uma reação a contingências pessoais, sociais e históricas (Costa, 1995b). Tomada como uma essência ou uma característica objetiva de todos aqueles que adotam um comportamento homossexual, a identidade gay pode acabar se tornando prejudicial, limitando a expressão da individualidade do sujeito e, neste caso “*a diferença deixa de ser uma escolha pessoal e se torna um constrangimento imposto de fora*” (Badinter, 1992: 116). Dito de outra forma, acreditamos que a identidade gay é um processo em devir que depende das descrições e crenças históricas que temos do assunto. Por outro lado, falar em identidade gay não significa que esta identidade seja onipresente e regule todos os aspectos da vida do sujeito, reduzindo-o à dimensão sexual de sua existência. Não obstante, o lugar social ocupado pelos homossexuais influi em larga escala a construção de sua identidade: ao desempenhar um papel

---

<sup>13</sup> Sucintamente, *estigma* pode ser definido como uma marca pública (física ou metafórica) de vergonha e desonra que outorga ao indivíduo um status social baixo. Este conceito será extensamente desenvolvido em um capítulo independente.

<sup>14</sup> Dentre os processos de ajustamento pessoal vivenciados pelos homossexuais podemos citar a aprendizagem do ponto de vista dos heterossexuais, aprendizagem de que a homossexualidade é desqualificada, aprendizagem de como lidar com o tratamento que os outros dão a seu estigma, aprendizagem do encobrimento e revelação do estigma.

estigmatizado, o indivíduo entra em contato com determinados aspectos da realidade e terá a sua identidade influenciada por essa perspectiva, identidade esta ativada apenas em circunstâncias sociais particulares.

Em suma, quando falamos em identidade gay devemos deixar claro que a homossexualidade é apenas um aspecto da identidade destes indivíduos e que portanto não podemos reduzi-los a isso: “*esse será um adjetivo a mais num conjunto inevitável de qualificativos, que definirá alguém como homossexual além de brasileiro ou inglês, nordestino ou gaúcho, jovem ou velho, alto ou baixo, etc.*” (Trevisan, 2000: 40). Em contraposição, afirmar-se como *homossexual* afeta grandemente a inserção social e a vivência psíquica destas pessoas, o que significa que não podemos ignorar a importância desta identidade, sobretudo para o movimento gay, fundado na construção de uma identidade possível. Apesar destes comentários, visto que o desejo, seja este homo ou heterossexual, é polivalente, talvez seja mais correto falar em *homossexualidades*, isto é, em várias identidades homossexuais.

### 3.1

#### **Identidade: aspectos gerais**

O conceito de *identidade* tem sido amplamente estudado pela Psicologia Social desde 1943, quando Gordon Allport publicou seu artigo clássico *The Ego in Contemporary Psychology* (Baumeister, 1998). Atualmente, no entanto, o conceito de *identidade* tem sido substituído pelo de *self*, apesar de ambos os termos se mostrarem idênticos em diversos aspectos. Dada que esta discussão é por demais extensa e complexa para ser abordada aqui, o presente estudo fará uso dos conceitos de *self* e *identidade* como sinônimos, ora empregando um, ora outro. Importante ressaltar também que considera-se que a identidade de um indivíduo é formada por duas partes articuladas entre si: *identidade pessoal* (atributos específicos do indivíduo) e *identidade social* (atributos que assinalam o pertencimento a grupos ou categorias) (Jacques, 1998). Apesar de não entrarmos em detalhes a respeito da *Teoria de Identidade Social* (Tajfel & Turner, 1979; Tajfel, 1982), é preciso ressaltar que o fato do indivíduo homossexual pertencer a um grupo social estigmatizado afeta enormemente sua identidade pessoal. Em outras palavras, podemos dizer que a identidade social refere-se ao pertencimento

do indivíduo a determinadas categorias sociais, enquanto a identidade pessoal está relacionada com os significados pessoais atribuídos a estes pertencimentos (Deaux, 1993). Estes significados pessoais, por sua vez, podem refletir sentimentos positivos ou negativos com relação ao grupo social e a importância deste na vida do sujeito (Luhtanen & Crocker, 1992).

A Psicologia Social define *identidade* como um termo que designa tudo aquilo que o sujeito experimenta e descreve como sendo ou fazendo parte do *self*. De acordo com Baumeister (1998), a essência do *self* envolve a integração de experiências diversas em uma unidade e continuidade temporal, destacando-se aqui três categorias principais da experiência: *consciência reflexiva* (a experiência na qual uma pessoa está consciente do *self*), *interpessoalidade* (a maneira como o *self* se forma através do contato com outros seres humanos e permite interações com estes) e *função executiva* (o *self* realiza escolhas, toma decisões, inicia ações e é responsável por elas). Dentro da função executiva podemos incluir a *auto-regulação*, isto é, a maneira pela qual o *self* atua sobre si mesmo (alterando ou eliminando comportamentos ou pensamentos) e sobre o meio ambiente. Isto significa dizer que a identidade de um indivíduo está em permanente construção.

O *self* não é um objeto em-si mas é construído socialmente através de um acúmulo de experiências e crenças. Os indivíduos aprendem *quem* e *o quê* são em suas relações com outras pessoas, e sempre adquirem identidades como membros de grupos sociais. Segundo McGuire e cols. (1978, 1979), a composição social do contexto em que vivemos pode trazer à tona diferentes aspectos do *auto-conceito*, isto é, a crença que temos sobre nosso próprio *self*. Ao que parece, em determinadas situações, os indivíduos se tornam bastante sensíveis a fatores que os diferenciam de outras pessoas à sua volta. Se um indivíduo pertence a um grupo (social, racial ou sexual) minoritário ou estigmatizado, ele ficará atento ao aspecto de sua identidade que o torna minoria (Deaux & LaFrance, 1998). Assim, ser homossexual em uma sociedade predominantemente heterossexual torna a orientação sexual uma característica central da identidade, fazendo com que este indivíduo, em muitas ocasiões, se defina primariamente como homossexual. Importante ressaltar o fato de que a identidade é construída através de papéis sociais, incluindo relacionamentos, ocupação profissional, filiação política, estigma, religião e raça. De acordo com este raciocínio, os homossexuais podem

ser vistos como indivíduos que representam um papel social, ao invés de terem uma condição (McIntosh, 1981).

A aquisição de qualquer identidade é um processo extremamente complexo, comportando relações positivas de inclusão e relações negativas de exclusão. *“Nós nos definimos pelas semelhanças com algumas pessoas e as diferenças com outras. O sentimento de identidade sexual também obedece a esse processo.”* (Badinter, 1992: 33; grifos nossos). De acordo com esta autora, a preocupação com a identidade sexual é relativamente nova: antes do século XIX acreditava-se que o indivíduo podia mudar de identidade sexual sem grandes problemas íntimos. *“Até que a sexologia lhe colocasse um rótulo, a homossexualidade era apenas uma parte difusa do sentimento de identidade. A identidade homossexual, tal como a conhecemos, é, portanto, uma produção da classificação social.”* (Weeks, citado por Badinter, 1992: 105). Além da classificação social, as transformações econômicas do século XIX criaram as condições estruturais para o surgimento da identidade homossexual (Gluckman & Reed, 1997).

### 3.2

#### Identidade homossexual

Em um artigo considerado clássico, D’Emilio (1983) argumenta que a transição para o capitalismo industrial no século XIX proporcionou as condições sociais, políticas e econômicas para que a identidade homossexual emergisse. Dentre as implicações demográficas, sociais e psicológicas das mudanças que ocorreram nesse período, podemos citar a transformação da família (que passou de unidade de produção econômica para um local onde se encontra afeto e segurança emocional), o declínio das taxas de nascimento (visto que a procriação se desconectou do prazer sexual), urbanização acelerada e uma crescente ênfase no indivíduo e na vida pessoal como o caminho para a felicidade. Segundo Greenberg (1988), o controle social exercido pela família e vizinhos nas pequenas cidades tornou-se inviável nos grandes centros urbanos, particularmente para os homens e mulheres solteiros que emigraram para as cidades em busca de emprego, sendo a partir deste momento capazes de prover suas necessidades fora

de um contexto familiar heterossexual tradicional<sup>15</sup>. Da mesma forma, o fato de empregados deixarem de viver na casa de seus empregadores, aliado ao surgimento de hotéis e quartos para alugar, facilitou enormemente a manutenção de uma vida sexual particular.

As condições e demandas do capitalismo também facilitaram o crescimento econômico e geográfico das comunidades homossexuais<sup>16</sup> no século XX. À medida em que as cidades cresciam, um número cada vez maior de indivíduos abandonava a família rural para viver nelas. Este desenvolvimento possibilitou que homossexuais encontrassem outros indivíduos que estavam organizando suas identidades com base em sua sexualidade. Em suma, o capitalismo permitiu que desejos e comportamentos sexuais se transformassem em uma base para identidades distintas, contribuindo, neste sentido, para a formação da identidade homossexual e de movimentos sociais baseados nesta identidade. No entender de Chasin (2000), os homossexuais se mobilizaram ao redor de sua identidade sexual porque era na sua sexualidade onde eles se sentiam mais invalidados.

Um grande número de teorias de formação de identidade homossexual tem sido elaborado desde a década de 70<sup>17</sup>, a maioria propondo um modelo de “estágios” ou “fases” pelas quais o sujeito passaria ao longo do desenvolvimento

<sup>15</sup> De acordo com Matthaëi (1997), este argumento parece ser muito mais forte para os homossexuais masculinos do que para as lésbicas, que só recentemente puderam se desvincular dos papéis tradicionais de esposa e mãe impostos por um casamento heterossexual.

<sup>16</sup> Faz-se importante aqui definir os termos *comunidade* e *subcultura*, que aparecerão algumas vezes durante este trabalho. Assim, definimos subcultura como uma ideologia articulada coerentemente em um conjunto de significados, crenças e comportamentos, além de ser uma forma complexa de interação e organização social (Kates, 1998). Os conteúdos de uma subcultura incluem significados, códigos, linguagem (gírias, por exemplo), normas, valores, costumes, pontos de encontro, atividades, instituições (estruturas de apoio material e psicológico) e tradições. Segundo Plummer (1975), as subculturas são consequência das sociedades complexas onde não existe um sistema de valores único e uniforme que seja válido para todos os indivíduos. De acordo com esta perspectiva, a subcultura homossexual possuiria valores e normas distintos daqueles adotados pela cultura heterossexual dominante.

Seguindo o caminho proposto por Kates (1998), definimos comunidade como um grupo de indivíduos que possuem um vínculo comum que os distingue de outros indivíduos. Pessoas que participam de uma comunidade compartilham uma relação social, conhecida por eles, que pode ser tanto anônima como face-a-face. No caso mais específico dos homossexuais, a comunidade também implicaria em alguma espécie de identidade compartilhada. Em outras palavras, pode-se dizer que a subcultura é um tipo especial de comunidade, no sentido de que toda subcultura é uma comunidade, mas toda comunidade não é, necessariamente, uma subcultura. No caso brasileiro, no entanto, pelo menos no que se refere à cidade do Rio de Janeiro, podemos falar tanto em subcultura quanto em comunidade homossexual (Nunan & Jablonski, 2002).

<sup>17</sup> Para uma revisão do tema remetemos o leitor ao trabalho de Nicely (2001). Nesta tese nos limitaremos a abordar apenas as teorias de formação de identidade homossexual mais estabelecidas no meio acadêmico, isto é, as de Cass (1979, 1984a, 1984b) e Troiden (1985, 1989).

desta identidade (Cox & Gallois, 1996). O renovado interesse pelo tema da identidade homossexual se deveu a uma série de fatores, dentre os quais destacamos: a decisão da *Associação Psiquiátrica Americana* de retirar a homossexualidade como categoria diagnóstica em 1973<sup>18</sup>; uma mudança de perspectiva, aparente desde o século XIX, que deixa de analisar o homossexual como um objeto e passa a compreendê-lo como uma pessoa; o abandono gradual, durante a década de 60, da noção de coletividade, substituída pela ideologia do indivíduo; e uma ênfase crescente na psicologia social e na sociologia como métodos privilegiados de entendimento do indivíduo. As teorias desenvolvimentistas criadas, a partir de então, para dar conta da identidade homossexual conceitualizam as tarefas enfrentadas pelo indivíduo como se referindo primariamente ao ajuste pessoal a um ambiente geralmente hostil. Os autores acima criticam estas perspectivas por se centrarem em aspectos individuais, ignorando fatores sociais mais amplos (tais como o pertencimento a um grupo social estigmatizado), e propõem, em contraposição, que a *Teoria de Identidade Social* (Tajfel & Turner, 1979; Tajfel, 1982) seja utilizada para melhor compreender a interação de fatores individuais e sociais. Apesar desta importante ressalva, basearemos as análises que se seguem nos modelos de estágios ou fases, por serem teorias firmemente estabelecidas no meio acadêmico. Por outro lado, o uso da *Teoria de Identidade Social* na compreensão do desenvolvimento da identidade homossexual ainda é uma proposta recente, adotada por poucos autores. Não obstante, acreditamos que, no futuro, ambos modelos teóricos possam coexistir, favorecendo uma compreensão mais ampla e profunda do que significa adotar este tipo específico de identidade.

De acordo com Troiden (1985, 1989) a identidade é um rótulo que as pessoas se aplicam e que representa o *self* em uma situação social específica. Frequentemente, a identidade se refere à inserção em uma categoria social (baseada no gênero, raça, idade ou orientação sexual, por exemplo) e quando removida da situação social que a ativa esta identidade relevante pode tornar-se dormente. Assim, a identidade homossexual seria apenas uma de uma série de identidades incorporadas no *auto-conceito* de um indivíduo, isto é, a definição que o sujeito tem de si mesmo. O auto-conceito é entendido por este autor como a

---

<sup>18</sup> Este assunto será discutido em profundidade mais adiante, no capítulo sobre as terapias de conversão.

totalidade das identidades, estejam estas ativadas ou dormentes. Além de ser ativada apenas em situações sociais particulares, a identidade homossexual também pode ser apresentada a outras pessoas em diversos graus.

Uma das mais influentes teorias sobre a formação da identidade homossexual é a proposta por Cass (1979, 1984a, 1984b), que se preocupa essencialmente com o processo através do qual o indivíduo se auto-categoriza como homossexual e os estágios que ele segue em direção a uma identidade gay positiva<sup>19</sup>. Segundo esta autora, a identidade sexual pode ser uma *identidade de self* (quando o indivíduo se define como homossexual, por exemplo), uma *identidade percebida* (ocorre em contextos sociais onde o indivíduo acredita que outros o percebem como homossexual), uma *identidade de apresentação* (quando o indivíduo se apresenta como homossexual em determinados contextos sociais), ou as três juntas, caso no qual a identidade do sujeito seria considerada plenamente integrada. Para a autora acima, a formação da identidade homossexual dá-se em seis estágios (confusão, comparação, tolerância, aceitação, orgulho e síntese), que com frequência ocorrem dentro de um contexto de estigma social, inegavelmente afetando tanto a formação como a expressão da identidade.

Simplificando as teorias de Cass (1979, 1984a, 1984b) e Troiden (1985, 1989), podemos dizer que os estágios típicos da formação da identidade homossexual incluem: *sensibilização* (geralmente ocorre antes da puberdade, quando o indivíduo começa a se sentir marginalizado e diferente das outras pessoas), *confusão de identidade* (freqüentemente durante a adolescência, quando pensamentos de uma possível homossexualidade provocam conflito interno e incerteza), *identidade assumida* (durante ou depois da adolescência, quando a homossexualidade é aceita como identidade de *self* e identidade de apresentação, sendo revelada a outros homossexuais) e *compromisso* (adoção da homossexualidade como uma forma de vida, apresentando esta identidade publicamente, apesar do grau com que o indivíduo se assume possa variar). A *síntese de identidade* ocorreria quando o sujeito se auto-identifica como homossexual, revela esta identidade a outras pessoas e se sente confortável com ela. É possível, ainda, identificar um último estágio no qual a identidade

---

<sup>19</sup> De acordo com Allen e Oleson (1999), a identidade gay positiva é um processo de desenvolvimento contingente a um compromisso e a uma oportunidade para o crescimento pessoal, não resultando, simplesmente, da auto-identificação como homossexual.

homossexual perde importância e se transforma em apenas uma das várias identidades no auto-conceito do indivíduo. Os autores acima predizem que à medida em que o indivíduo passa de um estágio para outro, sua auto-percepção muda de negativa e ambivalente para uma visão mais positiva e de maior aceitação da identidade homossexual. Este fenômeno, por sua vez, também aumenta o bem-estar psíquico do sujeito, que passa a entender a identidade gay como algo viável, adota um comportamento sexual quase exclusivamente homossexual, revela esta identidade a outras pessoas, é mais sexualmente ativo e tem mais relacionamentos amorosos.

Shernoff (1997) levanta um ponto importante quando afirma que o processo de aquisição da identidade gay também inclui a perda de uma suposta identidade heterossexual e dos benefícios associados a ela. De acordo com este autor, o luto pela heterossexualidade “perdida” deve ser trabalhado para que o indivíduo possa posteriormente descobrir as vantagens em assumir uma identidade gay. *“Quando bem sucedida, esta luta transforma sentimentos de vergonha, estigma e auto-punição em um senso maior de orgulho e valor próprio”* (Schwartzberg, 1996: 35; tradução nossa).

Devemos ressaltar que apesar destas teorias apresentarem “estágios típicos” no processo de desenvolvimento de uma identidade homossexual, estes estágios não são lineares, mutuamente exclusivos ou são percorridos por todas as pessoas da mesma forma. Em outras palavras, existem alternativas desenvolvimentistas a este modelo: de acordo com o estágio que marque o início do processo, vários caminhos distintos podem dar origem a uma multiplicidade de identidades e estas podem igualmente mudar ao longo da vida do indivíduo. Os estágios representariam apenas um modelo dentro do qual existe enorme variação, tanto em termos da idade cronológica com a qual os sujeitos atravessam estes processos, quanto no que se refere à seqüência dos estágios (estes podem ser pulados, fundir-se ou ser realizados simultaneamente). Cass (1979) lembra, igualmente, que o indivíduo pode parar seu desenvolvimento de uma identidade homossexual em qualquer um dos estágios, enquanto McDonald (1982) ressalta que a identidade gay do sujeito varia enormemente de acordo com o grau de preconceito e discriminação existente em cada sociedade. Por último, é necessário apontar que estas teorias se referem sobretudo à formação da identidade

homossexual masculina, dado que as lésbicas com frequência passam por processos distintos ainda pouco explorados.

Tal como investigamos em Nunan (2003) quando falamos sobre comportamento de consumo homossexual, saber se um determinado indivíduo adota uma identidade gay é, em muitos casos, mais importante do que ter conhecimento sobre seu comportamento sexual. Apesar da identidade gay ser uma variável complexa e difícil de ser medida, alguns autores desenvolveram formas de estabelecê-la com um razoável grau de confiança. Brady e Busse (1994), por exemplo, criaram o *Gay Identity Questionnaire* baseado no modelo de Cass (1979). Este questionário parece ser particularmente útil no estudo do processo de assunção da homossexualidade, ou seja, quando o indivíduo revela sua orientação sexual para outras pessoas.

### 3.2.1

#### O processo de assumir a homossexualidade

Enquanto a homossexualidade em si não é considerada uma escolha, pode-se dizer que, em um sentido mais profundo, o indivíduo de fato escolhe tornar-se gay (isto é, adotar uma identidade gay) quando atravessa o rito de passagem de assunção da homossexualidade (Kates, 1998). Sucintamente, este é um processo através do qual o sujeito reconhece sua homossexualidade, desenvolve uma identidade baseada nela e revela esta orientação sexual a outras pessoas (sejam familiares, amigos, colegas de trabalho ou estranhos), tornando-se visível, culturalmente inteligível e desafiando abertamente o discurso sexual hegemônico. Dito de outra forma, o sujeito faz a opção de ser *socialmente* homossexual, não de *desejar* homossexualmente (Trevisan, 2000). Apesar de neste capítulo estarmos nos referindo a assunções voluntárias da homossexualidade, não podemos esquecer, tal como nos aponta Sophie (1987), de que também existem *assunções acidentais* (quando o indivíduo não tinha a intenção de revelar sua homossexualidade para aquele sujeito em particular), e *assunções indiretas* da homossexualidade (quando o homossexual provê informação, verbalmente ou através de seus atos, que permite que outros descubram sua orientação sexual sem que ele precise declará-la abertamente).

A angústia que surge quando o sujeito se descobre homossexual não vem, necessariamente, da descoberta em si, mas da consciência de que ele sofrerá rejeição. Seguindo o caminho trilhado por Goffman ([1963] 1988), podemos dizer que a aprendizagem do *encobrimento*<sup>20</sup> constitui uma fase importante da socialização do homossexual, e um ponto crítico em seu desenvolvimento. Em determinado momento, no entanto, o indivíduo pode vir a sentir que o encobrimento não é mais requerido, pois ele se aceita e se respeita, não havendo, portanto, necessidade de esconder a homossexualidade. Assim, depois de um trabalhoso aprendizado de encobrimento, o homossexual pode finalmente começar a desaprendê-lo, ao passo em que decide revelar-se voluntariamente a outras pessoas. De acordo com D'Augelli (1998), a auto-aceitação de sentimentos homossexuais instiga outros processos de consolidação da identidade que são fundamentalmente sociais. Assumir-se para si mesmo geralmente leva o indivíduo a revelar-se a outra pessoa pela primeira vez, experiência que é descrita como extremamente difícil, sobretudo no que se refere à escolha da audiência apropriada. As perguntas, a *quem* contar? *como?* e *quando?* não são fáceis de serem respondidas e com frequência o sujeito não sabe como as demais pessoas reagirão à notícia. No caso de poderem escolher a quem revelar sua orientação sexual os homossexuais tendem a preferir indivíduos que eles acreditam serem menos preconceituosos e que responderão positivamente. Mesmo tomando este tipo de precaução, ao revelarem sua identidade gay a outras pessoas os homossexuais estão se arriscando a perder conexões humanas valiosas, sobretudo com familiares e amigos íntimos. Passada esta primeira revelação o indivíduo pode, em seguida, assumir-se para familiares (pais, irmãos, família extensa), amigos (que vão desde conhecidos a amigos íntimos) e outras pessoas importantes na sua rede social (tais como colegas de trabalho, chefes, professores, líderes religiosos, etc.). De acordo com uma série de autores (D'Augelli & Hershberger, 1993; Herdt & Boxer, 1993), a maioria dos homossexuais revela sua orientação sexual a outra pessoa pela primeira vez com aproximadamente 16 anos de idade. Vale ressaltar, no entanto, que este número se refere a estudos recentes, pois pesquisas realizadas em décadas anteriores (Dank, 1971; McDonald, 1982;

---

<sup>20</sup> O fenômeno do *encobrimento* será abordado com maiores detalhes no capítulo sobre Estigma Social. Por ora ele será definido como o fato do homossexual esconder e manipular informações sobre sua verdadeira identidade, recebendo e aceitando um tratamento baseado em falsas suposições a seu respeito.

Troiden, 1979) revelavam que homossexuais se assumiam pela primeira vez com idades que variavam entre 23 e 28 anos. Acreditamos que estas diferenças possam ser explicadas por uma maior aceitação da homossexualidade nos dias de hoje.

O medo que advém da possibilidade de ser rejeitado pelas pessoas mais próximas à sua rede de relações não pode ser de forma alguma minimizado e, no caso da família, além do medo da rejeição afetiva existe o temor da reação desta. No estudo de LaSala (1998), a maioria dos gays entrevistados relatou hostilidade por parte de seus pais após a revelação da homossexualidade, hostilidade esta que em muitos casos perdurou durante anos. Também não é incomum que homossexuais sejam fisicamente agredidos, extorquidos ou expulsos de casa por seus parentes, o que faz com que muitos prefiram levar uma vida dupla até terem condições financeiras de se sustentarem sozinhos caso isto venha a ocorrer (Jacobs, 1997). Pesquisas (Gorman e cols., 1995; Zolopa e cols., 1994) apontam para o fato de que aproximadamente 20% dos moradores de rua nos Estados Unidos são gays, um índice muito elevado se levarmos em consideração que os homossexuais compõem menos de 8% da população. Desconhecidos ou amigos não tão próximos podem se mostrar muito mais receptivos à notícia da homossexualidade do que familiares ou amigos íntimos, já que não possuem expectativas prévias sobre o indivíduo. Deste modo, em seu livro *A Representação do Eu na Vida Cotidiana*, Goffman ([1959] 2005) postula que:

... uma falsa impressão mantida por um indivíduo em qualquer de suas práticas pode ser uma ameaça ao relacionamento ou papel inteiro do qual a prática é apenas uma parte, pois uma revelação desonrosa em uma área da atividade de um indivíduo lançará dúvida sobre as múltiplas outras, nas quais não tenha o que ocultar. (Goffman, [1959] 2005: 65)

Alguns anos mais tarde, em *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*, Goffman ([1963] 1988) acrescenta:

Pode-se supor que a posse de um defeito secreto desacreditável adquire um significado mais profundo quando as pessoas para quem o indivíduo ainda não se revelou não são estranhas para ele, mas sim suas amigas. A descoberta prejudica não só a situação social corrente mas ainda as relações sociais estabelecidas; não apenas a imagem corrente que as outras pessoas tem dele mas também a que terão no futuro; não só as aparências, mas ainda a reputação. O estigma e o esforço para escondê-lo ou consertá-lo fixam-se como parte da identidade pessoal. (Goffman, [1963] 1988: 76)

O autor acima também explica que a tendência para a difusão do estigma da homossexualidade do indivíduo para as suas relações mais próximas é um dos motivos porque tais relações tendem a ser evitadas ou a terminar. Allport ([1954] 1979) postulou que muitos indivíduos não-estigmatizados são discriminados por se associarem a sujeitos portadores de estigmas. Estudos mais recentes (e. g. Neuberg e cols., 1994), mostraram que homens heterossexuais tendem a denegrir outros homens quando estes possuem amigos homossexuais.

Para os homossexuais, assumir a sexualidade em público significa contar justamente o que os outros escondem, isto é, a vida sexual, que em nossa sociedade pertence à esfera privada. Quando um gay revela que gosta de pessoas do mesmo sexo, somos imediatamente capazes de visualizar a cena e isso é desconfortável para a maioria de seus amigos e parentes (Pinheiro, 2000). Não obstante uma possível reação negativa, do ponto de vista de quem recebe a notícia a assunção da homossexualidade pode ser vista como uma prova de confiança e de compromisso mútuo, inclusive fortalecendo relações preexistentes caso o familiar ou amigo se mostre receptivo à nova identidade do sujeito. As possibilidades de isto ocorrer são ainda maiores se a revelação for feita de forma sensível, gerando uma conversa franca sobre homossexualidade. Para Cohen e Savin-Williams (1996), no entanto, a melhor forma de prever a consequência da assunção da homossexualidade é a qualidade da relação anteriormente estabelecida entre o homossexual e o indivíduo que recebe a notícia. De acordo com Sophie (1987), a reação das pessoas para as quais o homossexual se assumiu também são extremamente importantes no que se refere ao estabelecimento de uma identidade gay positiva: reações favoráveis tendem a promover a auto-aceitação do sujeito, enquanto respostas negativas geram uma fonte adicional de estresse para o indivíduo, podendo, em muitos casos, potencializar sentimentos de preconceito internalizado.

Estes processos de revelação, por sua vez, facilitam a saída de uma suposta heterossexualidade presumida pelas demais pessoas, assim como das obrigações sociais que uma identidade heterossexual acarretaria (por exemplo, casar, ter filhos, etc.). A rejeição de uma heterossexualidade cultural é estressante tanto para o indivíduo que foi socializado neste modelo quanto para sua rede social, que tem, a partir deste momento, suas expectativas violadas. Quando reconhecem pela primeira vez sua orientação sexual, a maioria dos homossexuais precisa de tempo

para se acostumar com o fato. O mesmo ocorre com amigos e familiares heterossexuais, muitos dos quais podem ficar extremamente surpresos ao descobrir que uma pessoa da qual eles gostam é homossexual. Para poder mudar expectativas fomentadas durante anos eles precisam de tempo, informação e compreensão. Informação adequada também é importante no que se refere à “causa” da homossexualidade, pois com frequência pais de homossexuais, sentindo-se culpados, se perguntam “aonde foi que erraram”, reproduzindo o estereótipo de que relações familiares disfuncionais provocam homossexualidade. Estas idéias, correntes no senso comum, são um dos pilares das terapias de conversão (sobre as quais nos debruçaremos mais adiante), não obstante terem sido sistematicamente refutadas por uma série de estudos.

Assumir-se homossexual tem efeitos extremamente benéficos para o indivíduo tanto a nível psicológico quanto físico, pois diversos estudos (e. g. DiPlacido, 1998) revelaram que a supressão de sentimentos e pensamentos, e o fato de guardar segredos, estão relacionados a diversos sintomas cujo acúmulo pode prejudicar a saúde total do sujeito. Homossexuais não-assumidos são obrigados a levar vidas duplas, constantemente negando quem eles são e quem realmente amam. Isto prejudica suas possibilidades de terem relações sexuais/emocionais estáveis, uma carreira no trabalho e também na luta por direitos (Ecoffier, 1997). Ao revelar sua identidade gay, o indivíduo está se comportando de acordo com seus princípios e ética pessoal, ao mesmo tempo em que arrisca perdas sociais e a sofrer possíveis agressões físicas. Por outro lado, caso decida manter silêncio sobre sua sexualidade, ele pode experimentar vergonha por ter sido covarde e anti-ético com relação ao *self* (Kates, 1998). De fato, se a vitimização silenciosa anterior à revelação tem altos custos psíquicos, assumir-se publicamente como homossexual também abre caminho para uma série de eventos negativos, que podem ir desde reprovação social ao preconceito e à discriminação.

A assunção da homossexualidade parece ser um dos processos de aprendizagem social mais importantes na vida de um homossexual, incluindo eventos de desenvolvimento tais como a auto-aceitação da própria sexualidade e a consolidação de uma identidade homossexual positiva (Wilson, 1999). Um destes eventos pode ser descrito como o questionamento das crenças e normas sociais, ao passo que o preconceito sexual é progressivamente exposto e rotulado como um problema. Desta forma, é possível entender a assunção como a desaprendizagem

de crenças antigas e auto-destrutivas impostas pela sociedade. Uma vez que estas crenças e as atitudes que as acompanham são parcialmente erradicadas, novas crenças podem substituí-las. Esta mudança também é interessante porque ela com frequência representa uma inversão significativa da ordem convencional: os homossexuais e sua subcultura são agora vistos como algo positivo (Nunan & Jablonski, 2002). Em alguns casos, este processo de inversão progride além da aceitação de si mesmo e de outros gays para incluir o desprezo aos heterossexuais, que passam a ser rotulados de preconceituosos ou pouco esclarecidos. Se levarmos em consideração que estes indivíduos foram estigmatizados pela sociedade e por si mesmos durante anos, fica fácil entender porque após se assumirem eles precisam manter crenças firmes com relação ao “ser gay”, à opressão e ao assumir-se (Kates, 1998).

Evento marcante no caminho da aquisição de uma identidade positiva, a assunção da homossexualidade pode ser entendida também como um complexo processo de ressocialização em direção à auto-aceitação. Tal como postulamos anteriormente, a assunção e a auto-aceitação da homossexualidade são processos longos e não-lineares, freqüentemente durando a vida toda do sujeito e repetindo-se a cada nova situação social (Hicks, 2000; Weeks, 1977). Ao contrário de membros de grupos estigmatizados com base em raça ou religião, os gays não estão expostos a apoio e atitudes protetoras por parte de suas famílias. Homossexuais com freqüência são criados por pais heterossexuais e socializados *como* heterossexuais em ambientes que promovem o preconceito sexual (Pecheny, 2004). Desta forma, até se assumirem, muitos homossexuais não possuem acesso a um grupo de referência afirmativo (tal como a comunidade gay) e a modelos sociais que os ajudem no desenvolvimento de uma identidade sócio-sexual positiva. De acordo com Gross (1996), por exemplo, muitos homossexuais que ainda não entraram em contato com a comunidade gay possuem modelos profundamente estereotipados do que significa ser homossexual, a maioria dos quais se baseia em imagens distorcidas veiculadas pelos meios de comunicação de massa. Apesar de não entrarmos em detalhes a respeito do tema da representação dos homossexuais na mídia, visto este ser um assunto amplo demais para o escopo deste estudo, precisamos, no entanto, tecer alguns breves comentários.

De acordo com o que foi desenvolvido em Nunan (2001), a formação da identidade homossexual é fortemente influenciada pela modo através do qual este

setor da população é representado nos meios de comunicação de massa. Segundo Lukenbill (1999), a visibilidade dos homossexuais é maior hoje do que em qualquer outro período da história e, desde o aparecimento da AIDS<sup>21</sup> na década de 80, eles vêm ganhando cada vez mais espaço na mídia. Isto não quer dizer, no entanto, que um grande número de imagens sejam apresentadas ou que estas estejam livres de estereótipos negativos (Bowes, 1996; Wardlow, 1996). De acordo com Gross (1996), os homossexuais têm sido praticamente invisíveis na mídia, exceto quando são mostrados como vítimas (de violência ou ridículo) ou vilões, papéis estes reforçados pela epidemia da AIDS. Falando sobre os meios de comunicação de massa este autor diz:

Não apenas eles quase sempre nos mostram como fracos e bobos, ou maus e corruptos, mas eles excluem e negam a existência de gays e lésbicas normais, não-extraordinários. Gays comuns, em papéis que não estão centrados no seu desvio como uma ameaça à ordem moral que deve ser contrarrestada através do ridículo ou da violência física, raramente são apresentados na mídia. (...) A representação estereotipada de gays e lésbicas como anormais e a supressão de imagens positivas ou “não-extraordinárias” serve para manter e policiar as fronteiras da ordem moral. (Gross, 1996: 154; tradução nossa)

Kushner (1997) concorda com este raciocínio, afirmando que quase não existem imagens de homossexuais bem-sucedidos, felizes ou levando uma vida familiar “comum”, embora esta situação venha mudando a partir da década de 90. Desta forma, aos poucos têm surgido filmes<sup>22</sup>, séries de televisão<sup>23</sup>, novelas e programas de entrevistas que apresentam o homossexual como uma pessoa comum ou seja, “*uma pessoa bonita, com família, sucesso profissional, dinheiro, dignidade e auto-estima.*” (Gonçalves, 2000: 49). De acordo com Aronson

<sup>21</sup> O papel da epidemia da AIDS na visibilidade dos homossexuais será discutido em maior profundidade logo a seguir.

<sup>22</sup> Vale lembrar que o cinema pode ser considerado como um dos meios de comunicação que menos estereotipa os gays, favorecendo muitas vezes uma discussão franca sobre o que significa ser homossexual. Diversas pessoas acreditam, por exemplo, que o filme *Philadelphia* (Jonathan Demme (dir.), United States, 1993), diminuiu mais preconceitos do que qualquer lei ou campanha educacional jamais conseguiria.

<sup>23</sup> Entre as séries norte-americanas cujos personagens principais são homossexuais podemos citar, dentre outras, *Queer as Folk* (sobre homossexuais masculinos, é baseada na série inglesa com o mesmo nome), *The L Word* (sobre lésbicas) e *Will & Grace*. Um número muito maior de séries, no entanto, apresenta personagens gays em papéis secundários, ao passo em que recentemente também começaram a ser produzidos *reality shows* voltados para o público homossexual, tais como *Queer Eye for the Straight Guy* (um fenômeno de audiência nos Estados Unidos). Além das séries, também existem canais de televisão voltados para gays, lésbicas e bissexuais, dentre os quais citamos *PrideVision* (Canadá, lançado em 2001), *Gay.tv* (Itália, 2002), *Here!* (Estados Unidos, 2004), *G Channel* (internacional, 2004), *Maleflicxxx Television* (Canadá, 2004), *PinkTV* (França, 2004), *Logo* (Estados Unidos, 2005) e *For Man* (Brasil, 2005).

(1999), a mídia é, para muitos indivíduos, uma importante fonte de informação sobre o mundo. Neste sentido, imagens pouco realistas de minorias sexuais têm um efeito nocivo porque promovem a ilusão de que estas pessoas não experienciam alegrias, problemas do dia a dia ou emoções humanas. Por outro lado, a falta de modelos positivos nos quais os homossexuais possam se espelhar gera sentimentos de profunda inferioridade e alienação, limitando igualmente seus projetos de vida. Assim, se a representação na mídia pode ser um caminho para a legitimidade dos homossexuais, uma representação estereotipada tem implicações sérias: ela afeta não só a sociedade heterossexual como também as imagens que os gays possuem deles mesmos (Chasin, 2000).

As novas conexões formadas dentro da comunidade gay não só favorecem o desenvolvimento de um identidade sócio-sexual positiva livre dos estereótipos veiculados pela mídia, como ajudam o sujeito a redefinir valores sociais e encontrar oportunidades alternativas para intimidade e família (Meyer & Dean, 1998). Por outro lado, assumir a homossexualidade também pode ser considerada uma forma voluntária de auto-estigmatização: ao definir sua sexualidade pela escolha de membros de seu mesmo sexo biológico, os homossexuais masculinos são identificados com as mulheres e vistos como inferiores por causa disto. Assim, um interessante paradoxo emerge quando da criação da identidade homossexual, pois ela simultaneamente erotiza e viola a masculinidade.

Segundo Kates (1998), a assunção da homossexualidade também está intimamente relacionada com uma mudança nos padrões de consumo dos sujeitos: estes passam a freqüentar lugares de socialização homossexual, privilegiam serviços e produtos especificamente direcionados a este público e muitos mudam sua aparência externa. A explicação para este fenômeno seria que quando um determinado indivíduo decide assumir sua homossexualidade ele está ciente de ter “subvertido” sua masculinidade e sua posição (social e política) dominante, outorgada aos homens em nossa sociedade. Assim, usar roupas chamativas ou tingir o cabelo, por exemplo, são vistas como rupturas pouco importantes das normas sociais. Dito de outra forma, a assunção libera o indivíduo para experimentar com determinados comportamentos de consumo, ao passo que, simultânea e paradoxalmente, estereotipa o homossexual.

### 3.2.2

#### A epidemia de AIDS e seu papel na visibilidade dos homossexuais masculinos

A visibilidade da homossexualidade, no Brasil assim como no mundo ocidental, foi marcada pela irrupção da epidemia de AIDS na década de 80, tornando-se um marco histórico, tanto do ponto de vista individual quanto coletivo. Com a chegada oficial da AIDS no Brasil nos primeiros meses de 1983<sup>24</sup>, houve uma necessidade de mobilização em regime emergencial. Os poucos grupos de militância homossexual disponíveis naquele momento concentraram seus esforços na organização de um sistema de prevenção e atendimento às vítimas da epidemia, que, até o final dos anos 80, ainda se caracterizava como uma “doença homossexual”, também chamada de “peste gay” ou “câncer gay”. Esta mobilização, por sua vez, teve impactos positivos na relação entre o movimento homossexual e o Governo Brasileiro, que a partir deste momento se une a estes grupos (muitos dos quais passaram a se autodenominar *Organizações Não-Governamentais* – ONGs) para combater a doença.

De acordo com Greenberg (1988), os gays enfrentaram a crise da AIDS veiculando informações sobre “sexo seguro”, levando uma vida sexual menos ativa, desenvolvendo redes de apoio mútuo, levantando capital para pesquisas e tratamentos, e combatendo a discriminação. Segundo Parker (1999), estes esforços geraram um maior sentimento de coesão social e começou-se a falar, talvez pela primeira vez, em *comunidade homossexual*. Neste sentido, de acordo com Costa (1992), a luta contra a AIDS e a luta pelo direito à livre expressão social da homossexualidade tornaram-se, praticamente, a mesma coisa. Combatendo-se a AIDS combate-se o preconceito, e a luta contra a morte biológica acaba se transformando na luta contra a morte social. Em vez de se deixarem discriminar os homossexuais tomaram as rédeas da situação, demonstrando a incapacidade da sociedade de lidar com as diversas expressões da sexualidade humana. “*Graças à AIDS, nunca se falou tão abertamente da homossexualidade, o que trouxe efeitos positivos para a luta pelos direitos homossexuais e sua necessária visibilidade social.*” (Trevisan, 2000: 370).

---

<sup>24</sup> De acordo com Cruz e Vieira (1999), o primeiro caso de AIDS no Brasil foi diagnosticado em 1980, em São Paulo.

Apesar da AIDS ter dado visibilidade aos homossexuais, esta súbita notoriedade esteve de início ligada a preconceitos e estereótipos. Chamava-se a atenção para o comportamento desregrado e promíscuo dos homossexuais e tentava-se excluir aqueles que representavam o perigo e a decadência. Assim, durante os seus primórdios, o vírus acabou reforçando uma visão moralista da sexualidade (Barcelos, 1998). Visto que os primeiros casos diagnosticados e noticiados ocorreram entre homossexuais acreditou-se, inicialmente, que o vírus fosse um problema exclusivo de gays, e a AIDS chegou a ser chamada de *Gay Related Imunodeficiência* (Imunodeficiência Relacionada à Homossexualidade). Posteriormente, com a criação do conceito de *grupo de risco* (que incluía homossexuais, prostitutas e usuários de drogas injetáveis) os gays foram ainda mais estigmatizados. “*Mais do que carregar o vírus, o sujeito contaminado passa a portar uma marca simbólica que o coloca imediatamente na posição paradoxal de vítima e culpado.*” (Barcelos, 1998: 71).

De acordo com Sontag (1989), a *peste* é a principal metáfora associada à AIDS, pois para que uma doença seja considerada uma peste ela não precisa, necessariamente, levar à morte imediata, apenas ser encarada como um castigo. Segundo Lerner (citado por Aronson, 1999), este raciocínio é motivado por um desejo de ver o mundo como um lugar justo, onde as pessoas recebem aquilo que merecem<sup>25</sup>. No caso, a epidemia veio para condenar os homossexuais e sua “sexualidade desviante”. A natureza, em última instância, estaria se vingando de sujeitos com comportamentos antinaturais. Para indivíduos religiosos a AIDS seria uma punição divina pelo pecado da homossexualidade (Paul e cols., 1995). Outros aspectos que fazem com que a AIDS seja entendida como uma peste são suas conseqüências para os doentes terminais: seus corpos cadavéricos e cobertos de manchas tornam-se repulsivos. A epidemia castiga o comportamento dos homossexuais ao mesmo tempo em que põe em risco toda a sociedade, ameaçando inocentes.

O fato da AIDS ser uma doença transmitida principalmente pela via sexual, expõe e coloca em perigo aqueles que são sexualmente ativos e, portanto, é facilmente encarada como um castigo à sexualidade exercida sem limites. Neste caso, contrair a doença por esta via parece que determina uma culpa maior ao sujeito. Por não ter se controlado, sua contaminação é entendida como um

---

<sup>25</sup> Este conceito de Lerner será desenvolvido com maiores detalhes no capítulo intitulado *Preconceito Sexual Contra Homossexuais*.

comportamento suicida. Para o homossexual, esta interpretação é agravada uma vez que sua prática sexual é considerada antinatural. (Barcelos, 1998: 71-72)

Atualmente a AIDS está presente em todos os grupos sociais e o conceito *grupo de risco* foi substituído pelo de *comportamento de risco*. No entanto, o imaginário popular ainda relaciona essa doença com a homossexualidade, pois foi entre os homossexuais onde ela de início se tornou mais visível (Messeder, 2004). Por este motivo é que a AIDS é ao mesmo tempo reveladora e estigmatizante. O pânico provocado pela “peste gay” tem a ver com suas possibilidades de revelar quem é homossexual. A metáfora de que a homossexualidade pega tornou-se quase real: pegar AIDS significaria ter tido contato com o desvio (Trevisan, 2000). Chasin (2000) menciona ainda uma idéia importante: apesar das campanhas de saúde pública terem ajudado a população a entender que a AIDS não é uma doença gay, elas não retiraram o estigma da homossexualidade. Em outras palavras, a educação e a informação fizeram pouco para diminuir o preconceito.

Não obstante estas conseqüências negativas, a AIDS incitou uma discussão que vai além da doença em si, suas formas de contágio e prevenção, entrando em assuntos tais como moralidade e diferença sexual. Neste sentido, a epidemia ofereceu à sociedade contemporânea elementos inestimáveis para a educação da sexualidade, da sensibilidade e do desejo: escolas, instituições médicas, famílias, mídia, governo e Igreja foram obrigados a discutir a sexualidade humana de forma aberta. Dado que campanhas de saúde pública pareciam ser a melhor opção para combater a epidemia, a informação sobre a AIDS se concentrou na adoção de técnicas de sexo seguro, gerando uma discussão pública sem precedentes a respeito de práticas e preferências sexuais (Greenberg, 1988). A discussão de práticas sexuais não-reprodutivas, desvinculou, definitivamente, o prazer da procriação, colocando em xeque a suposta naturalidade da heterossexualidade. Nunca se discutiu tanto a homossexualidade como nos tempos da AIDS: aquilo que o movimento homossexual não conseguira em duas décadas, o vírus fez em poucos anos de existência.

De fato, graças à AIDS, qualquer cidadão/ã de todas as idades, nos locais mais distantes e independentemente de sua orientação sexual, pôde se informar, de maneira inédita pelo constante impacto, o *que é ser homossexual, como se*

pratica a homossexualidade e, mais ainda, *onde* homossexuais se encontram. (Trevisan, 2000: 463)

Por outro lado, tal como discutido acima, o vírus da AIDS veio à luz na vida brasileira com todas as implicações de metáfora da “homossexualidade-doença”, provocando ressonâncias na estrutura emocional dos homossexuais, agora transformados em algozes da humanidade. Além de perderem amigos e companheiros (alguns segmentos da população homossexual foram praticamente dizimados pela AIDS), os gays tiveram que lidar com um aumento da violência e do preconceito contra eles (Greenberg, 1988). Apesar da AIDS não ser mais “doença de homossexual”, ela continua a ser uma preocupação extremamente importante para estes sujeitos. Adultos jovens que estão começando a se identificar como homossexuais precisam lidar com preocupações relacionadas à AIDS que afetam profundamente a sua identidade: aceitar a idéia de que terão de se prevenir contra esta doença para o resto de suas vidas; medo de se contaminar a cada nova relação; convivência com a ameaça de doença, morte e perigo; medo de que a AIDS venha “expor” sua homossexualidade; além de ter que lidar com a crença (por parte de muitos heterossexuais) de que todo gay é HIV-positivo. Todas estas circunstâncias dificultam enormemente uma atitude positiva em relação à própria sexualidade e, de acordo com Terto Jr. (1996), a partir deste momento saúde e morte são dois termos que passam a orientar os prazeres homossexuais. Neste sentido, também devemos ressaltar a importância da condição de soropositividade e sua relação com o estigma sofrido pelos homossexuais.

Aliás, a soropositividade tem muitos elementos em comum com a homossexualidade: o silêncio, o segredo, a revelação ou o assumir-se, o desconhecido, a solidão, a ameaça de rejeição, repressão de si e da afetividade. (Terto Jr., 1996: 100)

Acreditamos, desta forma, que o impacto da AIDS entre os homossexuais é um fator de extrema importância na compreensão da visibilidade gay, da identidade deste setor da população e do preconceito ligado a esta orientação sexual.

### 3.3

#### Identidade homossexual no Brasil e nas culturas latinas

Abordar a identidade homossexual no Brasil torna-se extremamente difícil devido à escassez de estudos nesta área: mesmo dentre aquelas pesquisas que tratam de gênero ou masculinidade, poucas entram em detalhes sobre a particularidade da identidade gay nas culturas latinas (Mirandé, 1997). Não obstante este entrave teórico, acreditamos que uma breve análise das contribuições de autores que tratam do assunto possa nos auxiliar, posteriormente, na compreensão dos discursos dos nossos entrevistados.

Em primeiro lugar, devemos mencionar que, na cultura ocidental, a identidade masculina está associada à atividade, ao fato de possuir, tomar, penetrar, dominar e se afirmar, se necessário pela força. A identidade feminina, à passividade, docilidade e submissão (Badinter, 1992). Dentro desta lógica, a homossexualidade (que é uma “dominação” do homem pelo homem) é considerada ou uma doença mental ou uma perturbação da identidade de gênero que ameaça a manutenção da superioridade social do sexo masculino. Examinando este assunto a partir dos conceitos da Psicologia Social podemos dizer que a divisão dos seres humanos em *mulheres passivas* e *homens ativos* seria uma espécie de *ideologia inconsciente*. De acordo com Daryl e Sandra Bem (1970), ideologia inconsciente é um grupo de crenças que aceitamos implícita e inconscientemente porque não conseguimos sequer pensar em concepções alternativas do mundo. Dado que a nossa concepção de masculinidade é heterossexual, a homossexualidade desempenha o papel de contraste, e sua imagem negativa reforça o aspecto positivo e desejável da heterossexualidade. Assim, a homossexualidade seria um símbolo negativo da identidade masculina. “*Ser homem significa não ser feminino; não ser homossexual; não ser dócil, dependente ou submisso; não ser efeminado na aparência física ou nos gestos; não ter relações sexuais nem relações muito íntimas com outros homens...*” (Badinter, 1992: 117). Visto que nas sociedades patriarcais a masculinidade é identificada com a heterossexualidade, o preconceito sexual passa a desempenhar um importante papel no sentimento de identidade masculina: deixa claro quem não é homossexual.

Nas culturas latinas,<sup>26</sup> homossexual não é o homem que tem relações sexuais com outros homens, mas aquele que é visto como passivo. “*Enquanto praticada na sua forma ativa, a homossexualidade pode ser considerada pelo homem como um meio de afirmar seu poder; sob sua forma ‘passiva’, ela é, ao contrário, um símbolo de decadência.*” (Badinter, 1992: 118). Em outras palavras, a homossexualidade seria definida não pela escolha do objeto sexual, mas pela distribuição de poder e dominação na relação sexual. Fry e MacRae (1983) também apontam para este tema quando colocam que o sistema de gêneros brasileiro, hierarquicamente estruturado, divide os homossexuais em duas categorias: o *homem* (o homem “verdadeiro”) e a *bicha*. Esta oposição binária espelha as categorias de gênero predominantes e definidas heterossexualmente (o *homem* e a *mulher*) nas quais, durante a relação sexual, o homem é considerado *ativo* e dominante (pois penetra) e a mulher *passiva* e dominada (pois é penetrada).

Construída com base na percepção da diferença anatômica, é essa distorção entre atividade e passividade que estrutura mais claramente as noções brasileiras de masculinidade e feminilidade e que tem servido tradicionalmente como o princípio organizador para um mundo muito mais amplo de classificação sexual da vida brasileira atual. (Parker, 1992: 70)

Segundo este modelo, nas relações eróticas homossexuais, o *homem* (na gíria conhecido como *bofe*), assume o papel ativo no ato sexual e penetra seu parceiro. O indivíduo efeminado (a *bicha*), considerado passivo, é penetrado. A passividade sexual da *bicha* atribui-lhe a posição social inferior da mulher, e enquanto o homem passivo é estigmatizado e considerado socialmente desprezível, aquele que assume o papel ativo não o é. “*Desde que ele mantenha o papel sexual atribuído ao homem ‘verdadeiro’, ele pode ter relações sexuais com outros homens sem perder seu status social de homem.*” (Green, 1999: 28).<sup>27</sup> O

<sup>26</sup> Mirandé (1997) discorda, afirmando que este padrão cultural também ocorre em alguns contextos anglo-saxões específicos, particularmente entre homens de classe baixa e dentro do sistema penitenciário.

<sup>27</sup> Este fenômeno aparece de uma forma particularmente clara no caso dos *michês*, isto é, jovens rapazes (geralmente de classe baixa) que se prostituem homossexualmente. Assim, os *michês* são capazes de ter relações homossexuais sem se definirem como gays, contanto que assumam o papel ativo e sejam pagos pelo sexo. Muitos destes rapazes, por exemplo, dizem que são heterossexuais e que só têm relações com outros homens porque precisam do dinheiro (Gorman e cols., 1995). Neste sentido, não nos deve surpreender o fato de que grande parte dos assassinatos de

homem que é penetrado, por outro lado, perde a sua masculinidade, visto que o problema é ser *passivo* (perder a virilidade), não ser *homossexual*. Misse (1979) proporciona uma explicação para este fenômeno quando afirma que o homem passivo ameaça a ordem social, visto que abdica do poder e prestígio associados ao sexo masculino. Dito de outra forma, em determinados setores da sociedade brasileira, os papéis sexuais são muito mais importantes do que o parceiro sexual. A *bicha* atua como um indicador que diferencia seu comportamento “desviado” do comportamento masculino “normal” de um homem “verdadeiro”. Pela sua oposição à norma, o estereótipo do homem passivo e efeminado define o homem ativo e viril.

No caso mais específico do Brasil, podemos dizer, de acordo com Green (1999), que uma conexão entre prostituição, efeminação e homossexualidade persistiu no país até a segunda metade do século XX, quando surgiram noções alternativas de identidade sexual. Mesmo que esta representação não tenha sido compartilhada por todos os membros da subcultura homossexual, a elevada saliência cultural do gênero e a visibilidade de maneirismos, vestimentas e cortes de cabelo fizeram com que muitos observadores considerassem a efeminação como um componente central da homossexualidade. Por sua vez, autores como Trevisan (2000) apontam para a existência de uma identidade homossexual brasileira anterior à década de 40. A partir deste momento começa-se gradualmente a deixar de lado a dicotomia *ativo-passivo* ou *homem-bicha*, para caminhar em direção a uma identidade *homossexual-homossexual*, isto é, o modelo hierárquico anterior é substituído por um modelo simétrico de interação sexual (Fry, 1982). Nos anos 60, homossexuais que passaram a adotar esta identidade mais igualitária (isto é, baseada na escolha do objeto e não em papéis sexuais) passaram a ser chamados de *entendidos*, esta palavra sendo substituída pelo termo *gay* com o movimento homossexual de 1970. Após a década de 80, com a emergência da epidemia da AIDS, os termos *homossexual*, *bissexual* e *homossexualidade* começaram a ser cada vez mais utilizados (sobretudo por membros das classes populares) como uma forma de organizar a experiência sexual.

---

homossexuais com requintes de crueldade sejam cometidos por *michês* que, por uma razão ou outra, acreditam ter tido sua masculinidade violada (Mott & Cerqueira, 2001).

A urbanização, a expansão da classe média, uma contracultura endógena, mudanças nas relações de gênero, influências culturais gays internacionais, tudo isso contribuiu para a construção dessa nova identidade, que era semelhante à identidade gay que se desenvolveu nos Estados Unidos nas décadas de 1930 e 1940. (Green, 1999: 29)

Ao que parece, os dois padrões coexistiriam atualmente no Brasil: homens de classe baixa e de zonas rurais ainda moldam seu comportamento sexual de acordo com a tradicional divisão *ativo-passivo* (ou *homem-bicha*), enquanto muitos homossexuais urbanos de classe média adotam o que conhecemos como *identidade gay* (Parker, 1999).